

Sonia Purnell

**UMA
MULHER
SEM
IMPORTÂNCIA**

A história secreta da espiã
americana mais perigosa da
Segunda Guerra Mundial

Tradução
PETÊ RISSATTI



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Sonia Purnell, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Todos os direitos reservados.
Título original: *A Woman of No Importance*

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Karina Barbosa do Santos e Marina Castro
Diagramação: Futura
Capa: Túlio Cerquize
Imagem de capa: GL Archive / Alamy / Fotoarena

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Purnell, Sonia

Uma mulher sem importância: a história secreta da espia americana mais perigosa da Segunda Guerra Mundial/Sonia Purnell; tradução de Petê Rissatti. – São Paulo: Planeta, 2021.
416 p.

ISBN 978-65-5535-227-6

Título original: *A Woman of No Importance: The Untold Story of the American Spy Who Helped Win World War II*

1. Goillot, Virginia, 1906-1982 – Biografia 2. Espiãs – Estados Unidos – Biografia
3. Guerra Mundial, 1939-1945 – Serviço secreto – Estados Unidos I. Título II.
Rissatti, Petê

20-4169

CDD 940.54092

Índices para catálogo sistemático:
1. Segunda Guerra Mundial - Espiãs - Serviço secreto

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

CAPÍTULO UM

O sonho

A sra. Barbara Hall tinha tudo preparado. Criou Virginia, sua única filha e a mais nova entre os irmãos, nascida em 6 de abril de 1906, na expectativa de um casamento vantajoso. Tendo sido uma secretária jovem e ambiciosa no século anterior, Barbara triunfara ao se casar com o chefe – Edwin Lee Hall (conhecido como Ned), um rico banqueiro e dono de cinemas de Baltimore – e nunca quis olhar para trás. Sua grande ascensão social aos círculos finos da Costa Leste a deixou, ao menos de acordo com sua família, “metida”. Afinal, o pai de Ned, John W. Hall, podia ter fugido para o mar aos 9 anos em um barco a vela da família, mas no fim tinha se casado com uma herdeira e se tornado presidente do First National Bank. O irmão de John, Robert, tio-avô de Virginia, havia sido o maior entre os grandes do exclusivo Jôquei Clube de Maryland. Barbara via como os Hall mais velhos levavam uma vida sofisticada – o vestíbulo de sua opulenta casa de Baltimore, pelo que diziam, era longo o bastante para caber uma carroça com cavalos – e queria o mesmo. Ned, porém, para evidente frustração de Barbara, não conseguiu nem manter a fortuna da família, muito menos aumentá-la, então a situação doméstica dos Hall era mais modesta. A casa de campo de Ned e Barbara na Boxhorn Farm, em Maryland, era requintada, mas não tinha aquecimento central e tirava sua água de um riacho. Seu apartamento no centro de Baltimore, apesar de elegante, era alugado. Era obrigação de Virginia levar a família de volta ao elevado nível social dos Hall, casando-se com alguém com mais posses.

Na antiga vida de Virginia, Barbara observava como a filha era perseguida por jovens e prósperos pretendentes com satisfação

maternal. Tal era a atração exercida por Virginia antes de ela perder a perna que suas amigas da fina escola particular Roland Park Country a conheciam como “Donna Juanita”. Alta e magra, com olhos castanhos brilhantes e um sorriso apaixonante (que ela quase nunca exibia), tinha um ímpeto incomum e se apresentava como um desafio irresistível àqueles jovens, que sonhavam em domá-la. Virginia, no entanto, detestava essas demonstrações de ardor masculino e, sempre que podia, afirmava sua independência usando calças de rapazola e camisas de estampa xadrez. “Preciso de liberdade máxima”, proclamou ela em seu anuário escolar, em 1924, aos 18 anos. “Imunidade tão vasta quanto eu quiser.” Pouco do que ela dizia ou fazia condizia com os grande planos de sua mãe.

Virginia tinha prazer em desafiar as convenções. Caçava com rifle, esfolava coelhos, cavalgava sem sela e, uma vez, usou um bracelete de cobras vivas na escola. Estava claro que a jovem e destemida “Dindy”, como a família a chamava, ansiava por aventuras, tal qual seu avô desbravador de mares. Mesmo que isso resultasse em um desconforto duradouro. A insistência dickensiana de Roland Park Country em manter suas janelas abertas apesar do clima congelante – ou seja, as meninas estudavam de casaco, luvas e chapéu – parecia não a ter incomodado nem um pouco.

Dindy descrevia-se como “teimosa e caprichosa”¹ – visão compartilhada por suas colegas, que, mesmo assim, também reconheciam seus dons para organização e sua iniciativa. Viam-na como sua líder natural e votavam nela para presidente da classe, editora-chefe, capitã dos esportes e até mesmo “Profeta da classe”. Seu irmão mais velho, John, estudou Química na Universidade de Iowa e, em seguida, obediente, foi trabalhar com o pai, como já estava previsto desde seu nascimento. Já Virginia gostava de explorar novas paisagens, incentivando suas colegas de sala a não esperar dela nada menos do que o inesperado. Considerada pelas alunas da escola a mais “original” entre elas – um elogio de que ela obviamente gostava –, admitia que se esforçava para “manter sua reputação o tempo todo”.² Ned era permissivo com essa perspectiva individualista, mas Barbara tinha um ponto de vista bem diferente. A sra. Hall estava determinada a fazer

a filha abrir mão do interesse pela aventura em troca de um prêmio maior: um marido rico e um lar elegante. Aos 19 anos, Virginia foi obediente, noivou e parecia destinada ao confinamento de uma vida doméstica como a de muitas outras mulheres da sociedade que começavam a vida adulta nos anos 1920.

No entanto, por mais apropriado que seu próspero noivo fosse aos olhos da mãe, Virginia ainda se ressentia de sua arrogância e suas traições. Sim, esperava-se que jovens “moças” como Virginia obedecessem aos seus pretendentes, mas agora a rebelião estava no ar, com o advento, em Baltimore e em outros lugares, de garotas ousadas amantes da independência. Era uma nova geração de jovens que romperam com as regras da era da proibição de bebidas e escandalizaram os mais velhos ao cortar os cabelos bem curtos, fumar e dançar jazz. Rejeitavam as restrições unilaterais de um casamento tradicional e estavam assumindo um papel mais ativo na política, especialmente porque, em 1920 (depois de um século de protestos), as mulheres norte-americanas receberam o direito de voto. Virginia olhou ao redor: a vida doméstica era sufocante, e o mundo lá fora parecia oferecer liberdades novas e atraentes. E assim – para evidente indignação de seu noivo –, ela o dispensou (o que foi uma ótima decisão, pois mais tarde ele supostamente passou por três casamentos infelizes com muito adultério).

Virginia talvez partilhasse do senso de ambição crescente da mãe, mas começou a direcioná-lo para uma carreira e para explorar o mundo em vez de caçar um marido indolente, ainda que próspero. Em sua juventude, Barbara não teve muita escolha além do cargo de secretária; havia poucas outras opções disponíveis para uma mulher solteira de fortuna modesta no fim do século XIX. Ela ficou desconcertada com o desejo da filha de trabalhar fora de casa em vez de se casar e ter uma vida de lazeres, mas as frequentes viagens em família de Virginia à Europa durante a infância e a influência de sua avó alemã, que se vestia de forma impecável, inspiraram nela uma fome por viagens independentes. Era excelente em idiomas na escola e sonhava em usá-los para conhecer pessoas que ela chamava de “interessantes” ao se tornar embaixadora, pelo visto sem se deter pelo fato de que esses cargos elevados até então eram reservados aos homens. Dindy

estava disposta a provar que era tão competente quanto os homens em um mundo masculino e, para tanto, foi seu pai coruja (de quem ela era excepcionalmente próxima) que permitiu que ela passasse sete anos estudando em cinco prestigiosas universidades.

Virginia começou, em 1924, em Cambridge, Massachusetts, na Redcliffe (agora, parte de Harvard), mas a atmosfera pedante a enfatiou e, em 1925, ela se mudou para a Barnard College, uma faculdade mais metropolitana, em Manhattan, onde desfrutava dos teatros da Broadway. No entanto, ainda tinha consciência de que, depois de ter dispensado um pretendente, ela deveria seguir as regras e arranjar outro marido adequado. Não conseguiu encontrar nenhum. Também não impressionava seus professores, que a classificavam como “uma aluna mediana”, que não participava da vida no câmpus nem aparecia para as aulas de Educação Física. Francês e Matemática eram suas matérias preferidas (ela odiava Latim e Teologia), mas, embora tivesse conseguido “bom conceito”, suas notas eram na maioria medíocres, e ela não se formou. Sabia que precisava de uma educação universitária, mas estava ansiosa para começar a vida no mundo real. Talvez Barnard fosse parecida demais com sua casa, e ela não conseguiria se destacar.

Paris parecia oferecer horizontes mais amplos, e ela convenceu os pais de que se sairia muito melhor se ao menos pudesse ir ao exterior. Assim como muitos norte-americanos prósperos da Costa Leste antes e depois dela, Virginia via a capital francesa como o portal elegante para a libertação. Centenas de jovens norte-americanas embarcavam nos transatlânticos da Cunard rumo à Europa toda semana, enviando notícias para casa sobre como as mulheres elegantes de Paris – as *garçonnes*, com seus cabelos curtos e joelhos à mostra – eram incentivadas a ser independentes, atléticas e andróginas em aparência, e podiam trabalhar e amar como bem entendessem. Então, em 1926, aos 20 anos de idade, Virginia também se mudou para o outro lado do Atlântico, longe da cansativa decepção da mãe, para se matricular na École Libre des Sciences Politiques, no Rive Gauche. Na época dos *Années Folles*, os anos loucos, em vez da Proibição Americana e da segregação racial, ela encontrou uma cena artística, literária e

musical com uma diversidade impressionante que atraía escritores como F. Scott Fitzgerald, Gertrude Stein e Ernest Hemingway, além da lendária dançarina negra Josephine Baker (famosa por suas apresentações de charleston no Foliers Bergère e, mais tarde, por seus serviços na Resistência). Nos cafés de Saint-Germain e nos clubes de jazz de Montmartre, Virginia conheceu atrizes, velocistas, intelectuais e políticos iniciantes. A jovem aventureira de Baltimore fumava, bebia e dançava com todos eles, muito mais encantada com aquilo que aprendia com seus novos amigos deslumbrantes do que com seus professores. Ali, por fim, sentiu-se livre para ser ela mesma.

Esse estilo livre e exuberante continuou no segundo semestre de 1927, quando Virginia se mudou para a Konsular Akademie, em Viena, a fim de estudar idiomas, Economia e Jornalismo. Ao contrário de seu período em Nova York, ela ia bem nas aulas, alcançando as notas exigidas com o mínimo de esforço, e encontrava muito tempo para aproveitar a cena festiva e frenética da cidade. Alta, magra e agora elegante com trajes da última moda europeia, atraía muita atenção dos homens, em especial de um ousado oficial do Exército polonês chamado Emil, que a cortejava em passeios românticos às margens do Danúbio. Ele a adorava como um espírito livre e, por isso, ganhou o coração dela de um jeito que ninguém havia conseguido. No entanto, o pai de Virginia (aparentemente incitado por Barbara) se opunha às origens incertas do rapaz e à ideia de que a filha morasse na Europa de vez, e proibiu-a de vê-lo novamente. Mesmo atormentada, Virginia, que costumava ser irredutível, obedeceu a seu amado Ned (assim ela o chamava) e rompeu o noivado não oficial. Ela manteve uma foto de Emil por algum tempo, mas sua independência ia até esse ponto. Nunca mais viu o amante, e mais tarde descobriu que ele provavelmente havia morrido na primavera de 1940, um dos milhares de oficiais poloneses executados a sangue-frio pela polícia secreta russa durante a Segunda Guerra Mundial e enterrados em valas comuns na floresta de Katyn.

Assim que se recuperou da decepção amorosa, Virginia voltou para casa uma mulher muito diferente daquela que atravessara o oceano em 1926. Afinal, não carregava consigo apenas uma formação,

mas uma crença fervorosa na emancipação feminina. Aqueles três anos despreocupados despertaram nela um amor profundo e constante pela França e pelas liberdades que seu povo lhe oferecera. A paixão resistiria a toda a barbárie que viria e a impulsionou a pôr sua vida em risco para defender o que ela chamaria de seu “segundo país”. Também havia afeiçoado sua coleção de cinco idiomas – os mais úteis, francês e alemão, além de espanhol, italiano e russo –, embora nunca tivesse conseguido se livrar do arrastado sotaque norte-americano. No entanto, tornou-se excepcionalmente bem versada em cultura, geografia e, acima de tudo, política europeias. Quando esteve em Viena, viu grupos fascistas triunfarem durante deflagrações de agitações políticas sangrentas. Em viagens além da fronteira, testemunhou a ascensão rápida da popularidade do Partido Nacional-Socialista de Adolf Hitler como resultado de sua promessa de fazer da Alemanha um país líder, com seus comícios de Nuremberg se transformando em demonstrações gigantescas da força paramilitar nazista. Na Itália quase vizinha, o ditador Benito Mussolini havia declarado guerra à própria democracia em 1925 e, desde então, estava construindo um Estado policial. Portanto, ela foi testemunha das nuvens obscuras de nacionalismo que se reuniam no horizonte. A paz na Europa e a inebriante “*belle vie de Paris*” de Virginia já estavam ameaçadas.

Dindy voltou para Maryland e para a Boxhorn Farm em julho de 1929, pouco antes de quase todo o resto da fortuna da família ser eliminado na quebra da Bolsa de Wall Street e na Grande Depressão subsequente. Seu irmão, John, perdeu o emprego nos negócios de construção e finanças da família, agora sitiados, e o desespero geral parecia ter atingido os estudos de Virginia na pós-graduação em Francês e em Economia na Universidade George Washington, em Washington, D.C. Sua presença era errática, mas as notas eram suficientes para que ela se candidatasse ao Departamento de Estado e se tornasse diplomata profissional, ainda seu sonho fervoroso. Com a autoconfiança da juventude – mais os idiomas e o estudo acadêmico extenso –, ela esperava ter sucesso no indispensável exame de ingresso. O fato de apenas seis dos 1.500 agentes dos Serviços de Relações Exteriores serem mulheres deveria ter sido alerta suficiente.

A rejeição foi rápida e brutal. O alto escalão do Departamento de Estado não parecia disposto a receber de bom grado mulheres em suas fileiras, disse ao amigo Elbridge Durbrow, mas, recusando-se a aceitar a derrota, ela planejava “entrar pela porta de trás”.³

Nesse meio-tempo, Virginia tentou apoiar o pai, que se esquivava de uma calamidade comercial atrás da outra, agonizando pelo drama de milhares de desempregados e enfrentando a possibilidade da própria ruína. Em 22 de janeiro de 1931, quando saía de seu escritório no centro de Baltimore, Ned despencou na calçada devido a uma parada cardíaca fulminante e morreu poucas horas mais tarde. Ele tinha apenas 59 anos, e sua perda foi um golpe cruel na família – para Virginia, talvez, mais que para os outros. O pai mimava sua querida e jovem Dindy, era permissivo com a tendência da garota a atividades tradicionalmente masculinas, como a caça, tendo até mesmo comprado uma arma para a filha. Agora, ele tinha partido, e também grande parte do dinheiro. John, sua esposa e os dois filhos se mudaram para Boxhorn Farm com Barbara para cortar custos, e esperavam que Virginia fosse viver uma vida tranquila com eles. No entanto, esse arranjo claustrofóbico foi tolerável apenas por um tempo, e logo ela passou a se candidatar a empregos. Depois de sete meses presa em casa, em agosto de 1931, Virginia estava impaciente, a caminho de um emprego de secretária na embaixada dos Estados Unidos em Varsóvia. Pagava 2 mil dólares ao ano, um salário respeitável (e um terço a mais que a renda média dos EUA em meio à Depressão, quando muitas famílias ficavam em filas para conseguir comida). Finalmente tinha saído de Baltimore e irrompido nas fileiras do Departamento de Estado, mas, apesar de todo o seu estudo e das altas expectativas, era uma secretária, exatamente como sua mãe.

No entanto, Virginia causou uma boa impressão instantânea no trabalho, conduzindo seus afazeres – codificando e decodificando telegramas, lidando com a correspondência, processando vistos diplomáticos e enviando relatórios a Washington em meio a uma situação política cada vez mais tensa – com talento e iniciativa. Varsóvia era uma cidade vibrante, com a maior população judaica da Europa, mas a Polônia (Estado independente somente após o fim

da Grande Guerra) ficava precariamente espremida entre duas potências musculosas, a Alemanha e a Rússia, e seu futuro era incerto. O tempo e o lugar eram instrutivos, e a simpatia de Virginia pelos poloneses sem dúvida se realçava pelas lembranças de seu caso amoroso com Emil. Talvez o fato de ter sido treinada em codificação tenha lhe rendido seu primeiro vislumbre sedutor do mundo da inteligência. De qualquer forma, ela sentia que seus vastos estudos e sua experiência estavam sendo desperdiçados atrás de uma máquina de escrever. Então, um ano depois, pediu e recebeu apoio de seus chefes – inclusive de seu amigo Elbridge, que agora era vice-cônsul – para se candidatar novamente para o exame de ingresso no corpo diplomático. Estava especialmente confiante no teste oral, em que ela havia provado ser uma candidata excepcional ao obter a pontuação máxima da primeira vez. Virginia sabia que pessoalmente era mais convincente e impressionante. Ainda assim, de forma misteriosa, o questionário da prova oral nunca apareceu, e ela perdeu o prazo de candidatura. Bem quando pensou que finalmente estava prestes a ser aceita no âmago do Departamento de Estado, ela foi relegada de novo às suas margens.

Frustrada, candidatou-se sete meses depois a uma transferência para Esmirna (atualmente Izmir), na Turquia – um cargo perfeito para alguém com seu amor pela vida ao ar livre, por sua proximidade com lagoas e pântanos salgados do Delta de Gediz, famoso por seus pelicanos e flamingos. Quando chegou, em abril de 1933, descobriu que seus deveres oficiais não eram mais elevados do que em Varsóvia e, de fato, Esmirna tinha um interesse estratégico menor. No entanto, nesse local improvável, uma jovem aventureira, talvez ainda ingênua, foi forjada a se tornar uma figura de força excepcional; foi ali que o destino deu as cartas que mudariam a vida de Virginia. O que aconteceu por lá, onde o rio Gediz desemboca no cintilante mar Egeu, ajudaria a moldar o futuro da nação distante em uma Guerra Mundial que ainda estava a seis anos de distância.

Logo depois de sua chegada, Virginia começou a organizar grupos de amigos para expedições de tiro a narcejas nos pântanos. A sexta-feira do dia 8 de dezembro amanheceu clara e tranquila

enquanto ela se preparava para outro dia de esporte, levando a estimada escopeta calibre 12 que ganhara de presente do falecido pai. Havia muitos bicos longos para se caçar naquele dia, e uma grande empolgação pairava sobre o grupo de caçadores com ideias afins, embora as narcejas fossem pássaros difíceis de acertar na asa, por conta de seu padrão errático de voo. Sempre competitiva, talvez a ânsia de Virginia em ser a primeira a ensacar uma das aves bem camufladas a distraísse e também a persuadissem a não usar a trava de segurança. De qualquer forma, no momento em que subiu em uma cerca de alambrado que corria pelos juncos altos dos pântanos, Virginia tropeçou. Na queda, sua escopeta escorregou do ombro e ficou presa no sobretudo. Ela estendeu a mão e, quando tentou agarrar a arma, atirou à queima-roupa no pé esquerdo.

Uma mancha rastejante de sangue tingiu as águas lamacentas do delta ao seu redor enquanto ela desmaiava. O ferimento foi sério – o cartucho que Virginia atirara era grande, rombudo e cheio de pelotas de chumbo, que agora estavam cravadas em seu pé. Em desespero, os amigos procuraram estancar o sangramento com um torniquete improvisado enquanto a carregavam ao carro e partiam em disparada rumo ao hospital da cidade. Os médicos em Esmirna agiram rapidamente e, nas três semanas seguintes, ela parecia se recuperar bem. Seus amigos – e a sede do Departamento de Estado em Washington – ficaram aliviados quando souberam que Virginia voltaria à vida normal dentro de alguns meses. O que os médicos locais ainda não haviam notado era que uma infecção virulenta estava entrando nas feridas abertas. Pouco antes do Natal, a saúde da jovem começou a se deteriorar rapidamente, e o chefe do hospital norte-americano em Istambul foi chamado às pressas, junto com duas enfermeiras norte-americanas. Quando chegaram, após uma viagem de trem de 24 horas, o pé de Virginia estava inchando e empretecendo, a carne podre já começava a feder, e o corpo inteiro era traspassado por ondas de dor violentas. Imediatamente, a equipe norte-americana percebeu que o diagnóstico era o pior possível: a gangrena havia se instalado e se espalhava rapidamente pela perna. Em uma época pré-antibióticos, não havia tratamento médico eficaz, e os órgãos de Virginia estavam

em risco de falência. Ela estava à beira da morte quando, no dia de Natal, os cirurgiões serraram sua perna abaixo do joelho em uma última tentativa de salvá-la.⁴ Ela estava com 27 anos.

A amputação correu bem, considerando as circunstâncias, mas, quando Virginia se restabeleceu, nada aliviava sua tristeza pela vida que ficara para trás. O consulado em Esmirna enviou um telegrama a Washington, informando que a “Secretária Hall” estava “repousando com muito conforto” e que sua saúde estaria recuperada dentro de duas ou três semanas, embora um retorno a suas atividades fosse levar muito mais tempo. No entanto, naqueles primeiros dias, Virginia quase não conseguia suportar a ideia de viver algum futuro. Sua vida havia se restringido a uma cama de hospital e, o pior de tudo, à pena dos outros. E como poderia dar a notícia à mãe, que nunca quis que ela fosse para tão longe e que já havia perdido seu querido Ned? Através de um caleidoscópio de imagens mentais de sangue e sofrimento, Virginia reviveria suas ações daquele fatídico dia pelo resto da vida, ao mesmo tempo que se puniria pela negligência.

Perry George, cônsul norte-americano, enviou um telegrama a Washington para pedir que um oficial sênior informasse à sra. Hall sobre o acidente de Virginia “da forma mais cuidadosa possível”. Como Virginia temia, Barbara ficou inconsolável ao receber as notícias devastadoras da filha. A tragédia logo vazou na imprensa, mas a coerente compaixão pública não ajudou Barbara, paralisada pelo medo de perder a filha mais nova. Apenas em 6 de janeiro ela recebeu notícias de que acreditavam que Virginia estava fora de perigo. O médico norte-americano finalmente voltou a Istambul, aliviado por sua paciente ter sobrevivido.

Onze dias depois, o alarme soou novamente. Uma nova infecção havia começado e parecia ser uma sepse, um envenenamento potencialmente letal do sangue. Lutando em frenesi pela vida de Virginia mais uma vez, os médicos locais injetaram soros misteriosos em seu joelho para tentar salvá-lo, enquanto consultavam os norte-americanos em Istambul por telefone de hora em hora. Mesmo hoje, com a medicina moderna, sua condição teria sido crítica; naquela época, as chances eram muito pequenas. A dor diária de Virginia

se tornava quase insuportável quando as enfermeiras trocavam as bandagens ensopadas de pus no toco da perna, e o coração muitas vezes disparava, incontrollável.

Um dia, delirante pela infecção que corria por seu corpo, Virginia foi reanimada pelo que ela descreveria como uma visão. Embora sua família remanescente estivesse a milhares de quilômetros de distância, seu falecido pai apareceu ao lado de sua cama, trazendo uma mensagem simples. Ned lhe disse que não deveria desistir e que “era obrigação dela sobreviver”, mas que, se ela realmente não pudesse aguentar a dor, ele voltaria para buscá-la. Embora não fosse religiosa em nenhum sentido formal, Virginia acreditava que o pai realmente viera lhe falar. Ela guardou aquelas palavras como uma força poderosa, e sempre falava, com o passar dos anos, como ele a incentivou a lutar pela vida.⁵ E dessa forma venceu a primeira (mas não a última) grande batalha pela vida, praticamente sozinha, exceto por um fantasma. Se fosse poupada depois desse sofrimento aterrador, certamente se sentiria capaz de resistir a qualquer outra coisa que a vida lhe trouxesse. E não deixaria que um grande erro ficasse em seu caminho, em nome de seu pai.

De fato, Virginia se recuperou milagrosamente, e o cônsul, que a visitava com devoção no hospital todos os dias, saiu perplexo pela resiliência da jovem, que acabou sendo transferida para um hospital mais moderno em Istambul para a convalescência. Durante as longas e lentas semanas de sua recuperação, determinou que não seria tratada como uma inválida. Em maio de 1934, contra a opinião dos médicos e de seu empregador, insistiu em voltar ao trabalho no consulado um dia depois de sua alta no hospital. Foi uma decisão terrível. Os médicos locais conseguiram apenas uma perna de madeira das mais rudimentares e inadequadas, então ela seguiu confiante em muletas; depois de meses deitada em uma cama, percorrer a mais curta distância já era exaustivo. Houve pouco acompanhamento médico em Esmirna, e a dor de seu ferimento ainda era excruciante. Para variar, ela se sentiu desolada por estar tão distante de casa, e o resultado foi um rápido colapso físico e emocional. “Essa é uma situação que eu previa e tentei evitar, mas a srta. Hall não entendeu

as dificuldades que estavam diante dela”, dizia o telegrama do cônsul Perry ao Departamento de Estado, em Washington. “A experiência foi dolorosa para todos nós.”⁶

Dentro de poucos dias, Virginia estava em um navio para voltar aos Estados Unidos e, um mês depois, em 21 de junho, chegou a Nova York, onde sua família a encontrou no píer e a observou claudicar com hesitação na direção deles. Ela deu entrada no hospital para uma série do que se chamava de “operações de reparo”, quase certamente envolvendo cortar mais um pedaço da perna para evitar infecções devoradoras e para ser ajustada com uma nova prótese. Embora fosse moderna para os padrões da década de 1930, era pesada e presa no lugar com faixas de couro e espartilho ao redor da cintura.⁷ No clima quente, o couro irritava sua pele e o toco de perna criava bolhas e sangrava. Apesar de ser oca, a perna de madeira pintada, somada ao pé de alumínio, pesava quase 4 quilos. Dar uma simples volta era um teste de resistência, e seus queridos esportes de campo agora estavam fora de cogitação. A dor seria sua inseparável companheira pelo resto de seus dias.

Durante os meses de verão em Boxhorn Farm, Virginia aprendeu a andar novamente, ainda lutando contra infecções oportunistas e o espectro constante da depressão. Ela gostava de ficar sentada no alpendre e ajudar a alimentar as ovelhas, os cavalos e os bodes. No entanto, em novembro de 1934, estava ansiosa para voltar ao trabalho e garantiu um novo posto na Europa, dessa vez em Veneza, onde esperava que as condições estivessem “melhores” que na Turquia, país que tinha tantas lembranças ruins que ela não pretendia visitar nunca mais.

Virginia não pediu – nem lhe foi concedida – dispensa especial com relação a sua carga de trabalho. Apenas alguns ocasionais lampejos de raiva, típicos de alguém que enfrenta frustrações intoleráveis, indicavam aos observadores sua angústia. Ela tentava disfarçar sua deficiência com longas caminhadas, embora fosse obrigada, mesmo com sapatos sem salto, a andar com um rebolado mais acentuado, que ficava ainda mais aparente quando estava cansada. Subir e descer degraus continuou sendo um desafio especial – e, conseqüentemente,

como ela estava prestes a descobrir, Veneza não podia ser menos adequada a uma recém-amputada.

La Serenissima era uma cidade feita para se caminhar. Virginia olhava com horror para as escorregadias passagens de pedra e as quatrocentas pontes altas, muitas com degraus, sobre os 177 canais da cidade. Rapidamente, imaginou uma solução engenhosa: uma gôndola particular com um brasão esplêndido de leão dourado seria sua carruagem. Um morador local devotado, Angelo, a ajudaria a remar e a buscaria quando o “mar estivesse bravo”, tornando seu “equilíbrio precário”.⁸ Ela estava desenvolvendo um jeito de recrutar pessoas que largariam tudo para ajudá-la na adversidade, impressionadas por seu charme e sua óbvia coragem.

Virginia montou sua casa em um *palazzo* histórico que possuía uma enorme sacada com vista para o Grande Canal. Ela começou a fazer recepções de novo, utilizando bem as finas louças e pratarias da família Hall. No início, também convidou a mãe para lhe fazer companhia vários meses, pois ainda sentia que talvez fosse precisar de uma ajuda extra, especialmente porque seu toco de perna “sofria enormemente” no pegajoso calor veneziano. Talvez fosse em parte por seus desacordos renovados por sua decisão de, mais uma vez, trabalhar tão longe de casa que sua vida se tornava desconfortável na presença de sua ansiosa mãe. De qualquer forma, parece que, por mais que as duas se amassem genuinamente, Barbara nunca mais viajou para ver a filha na Europa.

Apesar dessas provações, Virginia impressionou de novo seus superiores no consulado dos Estados Unidos, onde a equipe lidava com vistos, passaportes e repatriações de turistas norte-americanos, bem como com acordos alfandegários para empresários. Desesperada para provar seu valor, ela logo estava envolvida em tarefas mais complexas ou delicadas, tipicamente reservadas a diplomatas de carreira, e não a secretárias, e até mesmo cobria as ausências do vice-cônsul. Descobriu que se manter ocupada era a melhor maneira de controlar os pensamentos mais obscuros. O cônsul notou que Virginia raramente tirava um dia de folga, mesmo nos fins de semana, e que ela nunca permitia que sua deficiência atrapalhasse o trabalho. Supondo agora

que nunca se casaria, sua carreira era mais importante do que nunca, e ela se esforçava para se manter atualizada com os acontecimentos políticos. Horrorizada pela maré de fascismo que crescia ao seu redor, ansiava por se envolver nos esforços diplomáticos para impedi-lo.

Era um momento de desemprego em massa e pobreza achapante, quando apenas os ditadores que tomavam o poder pela Europa pareciam oferecer esperança. Hitler, que pouco tempo antes era motivo de risos complacentes daqueles que diziam que ele não chegaria a lugar nenhum, era agora chanceler da Alemanha, adorado por milhões; o país anfitrião de Virginia, a Itália, era efetivamente um Estado fascista unipartidário nas mãos de Mussolini, defendido por gangues de brutamontes de camisas-negras conhecidos como *squadristi*; Stalin conduzia uma ditadura assassina na Rússia. Esse extremismo (da esquerda e da direita) parecia estar em marcha em todos os lugares, como resultado da propaganda, da invenção de slogans e da implacável manipulação dos meios de comunicação.

Naquela que ficou conhecida como a década das mentiras, a verdade e a confiança se tornaram vítimas do medo, do racismo e do ódio. Virginia viu-se em uma posição privilegiada quando o ideal cada vez mais frágil de democracia não conseguia encontrar defensores com respostas alternativas. Uma exceção rara era seu país natal, onde o New Deal do presidente Franklin Roosevelt oferecia programas de ajuda humanitária combinados com a criação de empregos com salários adequados em projetos de obras públicas gigantescas. Virginia era uma apoiadora natural de Roosevelt e tivera aulas na Barnard com um de seus principais conselheiros, o professor Raymond Moley. Para sua frustração, porém, os Estados Unidos, ainda sem querer se envolver naquilo que viam como intermináveis rusgas europeias, estavam fechando os olhos para os acontecimentos ameaçadores no restante do mundo. Por mais que seu entorno fosse esteticamente glorioso, seu trabalho de secretariado em Veneza parecia ter uma irrelevância sufocante diante do cenário global.

No fim de 1936, Virginia decidiu tentar de novo se tornar diplomata. Com seus cinco anos de serviços no exterior como secretária do Departamento de Estado, não precisava mais fazer o exame escrito;

uma entrevista bastaria. Confiante de que isso finalmente lançaria foco em seus pontos fortes, ela voltou aos Estados Unidos em janeiro de 1937 para seguir sua candidatura, com a bênção de seus chefes em Veneza e uma sensação de otimismo. Aos 30 anos e tendo servido em três missões diferentes, tinha muito a oferecer em conhecimento político local. Sua candidatura, contudo, foi imediatamente rejeitada, dessa vez com a menção de uma regra obscura que impedia que amputados entrassem na diplomacia. No início ela pensou que fosse meramente um obstáculo temporário e exigiu uma série de reuniões no Departamento de Estado para provar que seu trabalho não era afetado de maneira nenhuma. Era uma campanha valente, mas fadada ao fracasso, e Virginia voltou a Veneza com seu moral em frangalhos e uma aversão crescente a regras e seus executores.

O próprio Secretário de Estado, Cordell Hull, havia expedido o veredito, mas os apoiadores de Virginia, muitos democratas sagazes como os próprios Hall, não permitiriam que esse tratamento para com ela passasse sem luta. Depois de vários meses e uma revoadada de correspondências entre vários amigos poderosos da família, um deles, o coronel E. M. House, assumiu a tarefa de convencer seu velho amigo do Salão Oval. Ele disse a Roosevelt que Virginia era uma “mulher nobre de grande inteligência” e um “crédito ao país”, que estava sendo vítima de uma “injustiça”. Apesar de sua lesão, ela levava uma vida ativa, inclusive remava, nadava e cavalgava, e sempre fez “um bom trabalho”, mas recebeu como resposta que nunca poderia progredir no campo diplomático. Em 4 de fevereiro de 1938, Roosevelt pediu um briefing de Hull, que parecia ter se ofendido com o lobby especial em favor de Virginia. Disseram ao presidente que a deficiência de Virginia prejudicava seu desempenho, e ela não estava apta às exigências de um cargo diplomático. Hull, aparentemente ignorando os relatórios brilhantes do consulado em Veneza, concordou que ela poderia ser uma “ótima moça de carreira”,⁹ mas apenas nos níveis administrativos. Roosevelt havia superado a semi-paralisia por pólio para chegar ao cargo mais alto de todos. Ainda assim, por mais irônico que fosse, não viu motivo para continuar com aquele assunto.

No que parecia uma punição deliberada por sua ousadia, ordenou-se que Virginia saísse de Veneza logo depois desse caso, contra sua vontade, e se apresentasse para serviço na missão norte-americana em Talín, a distante capital báltica do Estado cada vez mais autoritário da Estônia. Quando solicitou passar por Paris – levemente fora de seu trajeto – para fazer reparos urgentes na perna protética, foi sumariamente informada de que seus gastos não seriam reembolsados. Era igualmente ofensivo que seu sucessor em Veneza – um homem – tivesse recebido a posição de vice-cônsul e um salário maior. Cada vez mais fazendo jus a sua reputação de rebelde, Virginia decidiu viajar sem ajuda alguma para a capital francesa e se reunir com velhos amigos.

Poucos em Paris sabiam, mesmo que alguns talvez se perguntassem por que ela sempre usava meias grossas sob o sol primaveril, que ela havia sofrido um acidente. Certamente não tinham ideia de que as roupas de baixo ajudavam a disfarçar a prótese e amorteciam o impacto no toco da perna, minimizando a dor e o sangramento. Embora Virginia se descrevesse como episcopal, a família de sua mãe vinha das tradições estoicas de holandeses da Pensilvânia, descendentes dos primeiros colonos alemães ligados aos Amish. Ela foi criada para nunca falar sobre dinheiro, sentimentos ou saúde e se manter um pouco afastada da multidão. Era natural, portanto, que mantivesse seus problemas – e segredos – guardados. Talvez não tivesse um marido indiferente, mas outra forma de sofrimento silencioso agora era parte de sua vida.

Virginia chegou a Talín no fim de junho e começou a trabalhar com o mesmo salário de 2 mil dólares, sem ter recebido sequer um aumento durante os sete anos de serviços. A única compensação era a recompensa de caça, disponível nas vastas florestas virgens da Estônia, e Virginia não perdeu tempo para conseguir licenças para caçar tetrazes e faisões. Ela havia decidido que seu acidente não a impediria de praticar tiro, apesar do terreno desafiador e pantanoso. No entanto, o trabalho de nível inferior a aborrecia. Ela estava atendendo a telefonemas e preenchendo papéis enquanto a Europa rodopiava em direção à guerra e observou com horror quando Neville

Chamberlain, primeiro-ministro britânico, reuniu-se com Hitler em Munique, em 1938, e falou sobre “paz para o nosso tempo”. Na Estônia, Virginia encontrou uma história semelhante à do restante da Europa: uma febre nacionalista também havia se estabelecido ali. Partidos políticos foram banidos, a imprensa era censurada, e nomes potencialmente estrangeiros eram modificados para parecerem estonianos. Temerosa pelo futuro, com todas as esperanças de promoção frustradas, rotulada como uma mulher incapacitada sem importância, ela pediu exoneração do Departamento de Estado em março de 1939. Apesar de toda a ambição inicial, sua carreira havia se provado pouco mais promissora ou recompensadora do que o casamento à moda antiga de que ela antes desdenhava.

Depois de sete anos vivendo sob a sombra do fascismo, Virginia decidiu fazer mais para que o público de sua terra natal desperdasse daquilo que ela considerava “pensamento falso”, “corrupção” e “enganações terríveis”. Assim, passou a vender artigos a jornais norte-americanos. Claro, estudara Jornalismo na Akademie, em Viena, mas escrever nunca havia sido seu forte. Não se sabe se ela foi bem-sucedida ou se sua voz foi ouvida. Não foi encontrado nenhum artigo publicado dessa época, embora seu passaporte prove que ela permaneceu em Talín por alguns meses. Sinceramente, escrever não seria satisfatório por muito tempo. Virginia queria agir, não apenas relatar. Como podia superar as restrições de sua vida e fazer algo realmente válido? Como poderia derrubar a depressão que ainda a assombrava e provar que sua sobrevivência contra todas as expectativas tinha um motivo de ser?

Em 1º de setembro de 1939, a Alemanha lançou um ataque repentino e brutal contra a Polônia. Dois dias depois, a Grã-Bretanha e a França reagiram com uma declaração de guerra. Era sabido que a vizinha da Estônia, a Rússia, tinha projetos expansionistas semelhantes e, no fim de outubro, Virginia decidiu de última hora sair em um navio para Londres antes que fosse tarde demais. De qualquer forma, teve outra ideia: abandonaria a máquina de escrever e se voluntariaria para o Serviço Territorial Auxiliar, o braço das mulheres do Exército britânico. No entanto, quando ela apareceu

no escritório de recrutamento, os sargentos deram uma olhada em seu passaporte e declararam que estrangeiros não eram bem-vindos. Mais uma rejeição.

A maioria das pessoas em seu lugar talvez tivesse desistido e voltado à segurança dos Estados Unidos, mas, para Virginia, esse movimento teria sido uma impensável admissão de fracasso. Ela viajou de volta a Paris e, persistente e corajosa, finalmente buscou o único papel ativo que poderia assumir para ajudar na luta contra o fascismo. Para evitar uma briga, fez questão de esconder da mãe que, em fevereiro de 1940, se inscreveria no 9º Regimento de Artilharia francês para dirigir ambulâncias para o Serviço de Santé des Armées. Não tinha habilidades médicas, mas possuía carteira de motorista, e o serviço era uma das poucas corporações militares abertas a voluntárias – e também a estrangeiras. Para sua alegria, eles a admitiram rapidamente (talvez sem saber de sua deficiência) e lhe deram um curso intensivo de primeiros socorros.

Em 6 de maio, depois do curso de admissão, Virginia se apresentou para serviço nas cercanias de Metz, na fronteira nordeste da França, perto da Linha Maginot de fortificações de concreto, construída como uma barreira supostamente intransponível a futuras agressões alemãs. Naqueles últimos dias da que ficaria conhecida como Guerra de Mentira, havia pouco a se fazer. Soldados perambulavam sem rumo, e suas armas permaneceram ociosas. Com o máximo de gentileza possível, Virginia aproveitou a chance para dar a notícia de seu novo cargo a Barbara, insistindo que, embora ela estivesse “entediada e desmazelada”, estava sendo “bem cuidada” em uma cabana “cheia de comida boa”.¹⁰ Dificilmente a mãe se deixaria enganar. Disse a um repórter do jornal *Baltimore Sun*, que pesquisava a história da mulher de Maryland que dirigia uma ambulância para o Exército francês,¹¹ o seguinte sobre as palavras de Virginia: “[são] bem-intencionadas, mas me trazem pouco conforto, pois, de sua maneira característica, ela está tentando fazer as coisas parecerem melhores para mim”. Por que sua filha, ela se perguntava, estava fugindo de uma vida confortável em casa e seguindo rumo a mais dificuldades, mais armas e mais horror?

Aquela foi a última vez que se ouviu falar de Virginia por um bom tempo. Em 10 de maio, os alemães armaram um ataque fatal, simplesmente contornando toda a Linha Maginot para irromper na França pelas florestas das áreas montanhosas e indefesas das Ardenas belgas. Divisões de tanques cobriram a fronteira, pegando de surpresa os velhos e complacentes generais franceses e desbaratando suas tropas despreparadas, enquanto Virginia avistava alguns deles da ambulância. Os franceses insistiam em uma mentalidade defensiva antiquada, mantendo-se atrás de muralhas e enviando mensagens uns aos outros por pombos-correios. Tinham pouca chance contra a genialidade devastadora das forças nazistas, com sua velocidade assustadora, lança-chamas e ondas velozes de bombardeio aéreo. A apatia negligente – em alguns casos, a corrupção – da velha elite francesa permitiu que uma potência mundial se rebaixasse a um povo subjugado em apenas seis semanas. Os políticos e militares, como um patriota francês comentou à época, tinham enganado o povo com “alucinação de força e invulnerabilidade” que, quando testadas pelos alemães, rapidamente se revelaram um “engodo criminoso”.¹² Pôsteres oficiais repetidamente alardeavam: “Vamos vencer a guerra porque somos os mais fortes!”. Ninguém no governo ou no alto-comando francês imaginara a possibilidade do colapso até ele acontecer.

Dentro de pouco mais de duas semanas, os remanescentes dos Exércitos francês e belga e grandes números das tropas britânicas foram interceptados pelo avanço alemão e esperavam ser evacuados a partir das praias de Dunkirk. Parecia que nada poderia impedir Hitler de varrer vitoriosamente a Europa inteira. Virginia ficou apavorada ao testemunhar a maior parte da equipe de sua unidade de ambulâncias entrar em pânico e abandonar os moribundos onde jaziam. Então, muitos de seus oficiais – bem como líderes civis, tais quais prefeitos e conselheiros – também haviam largado suas responsabilidades e fugido. Até o governo francês abandonou a capital em 10 de junho, escapando para o sul de Bordeaux, onde logo também colapsaria em desordem.

Quatro dias depois, quando os alemães, sem qualquer impedimento, invadiram Paris pela Porte de Vincennes na alvorada, Virginia

já estava a caminho de Valençay, no Vale do Loire, bem no coração da França. Ela tinha ouvido falar que ali um determinado coronel francês ainda estava reunindo feridos e levando-os de automóvel até os hospitais da capital, a 320 quilômetros. Conforme o Exército caía ao redor dele, ele necessitava de mais ajuda, e Virginia respondeu ao chamado. Por várias semanas, ela levou soldados a Paris, onde precisou se registrar para pegar cupons de combustível e permissões das autoridades nazistas recém-instaladas sob suásticas gigantes no Hôtel Meurice. Sendo uma norte-americana nominalmente neutra, percebeu que obtinha mais permissões do que os franceses que trabalhavam com ela. Um pensamento começou a se formar em sua cabeça.

O novo líder francês de extrema-direita, o marechal Philippe Pétain, já havia tomado o poder e, em 22 de junho, assinou um armistício com Hitler em um vagão ferroviário em Compiègne, sinalizando a capitulação de seu país aos nazistas. Virginia foi formalmente dispensada algumas semanas depois, mas ao menos tinha um lugar para ir em meio ao caos: a casa de um velho amigo de seus dias de estudante que vivia na avenue de Breteuil, em Paris. Já tinha resistido ao terror do fogo inimigo na estrada, mas o estrito toque de recolher, as mortes em represália e as primeiras ondas de prisões – ou *raffles* – na capital a perturbavam. Ela também criticava a cumplicidade das autoridades francesas em troca daquilo que muito claramente era a paz a um preço. Era a polícia francesa que abrigava os nazistas nos melhores hotéis de Paris, e os franceses permitiam que em seu território fossem construídos campos para os milhares que os alemães estavam prendendo.

Virginia sabia que, acima de tudo, queria ajudar sua amada França a rejeitar a aquiescência de seus governantes e lutar para reivindicar a antiga liberdade. Apenas isso podia lhe dar um objetivo tão almejado e aliviar seus pensamentos mais sombrios. Estava convencida de que não demoraria muito até que os franceses se reerguessem e, nesse meio-tempo, ela voltaria a Londres para aguardar. Agora, a Grã-Bretanha estava sozinha contra Hitler, mas por quanto tempo poderia sobreviver sem ajuda? Para o desespero de Virginia, os

Estados Unidos se recusaram a ser arrastados para a guerra com seus antigos aliados – o Congresso não aceitaria perder vidas americanas pelo que era visto como meros interesses nacionais marginais em um continente distante, especialmente tão perto da última guerra europeia. A opinião pública, até mesmo nas universidades, era extremamente contra a aliança com a Grã-Bretanha em uma reprise do conflito franco-germânico. No entanto, Virginia tinha visto a realidade do fascismo com os próprios olhos, e o isolacionismo de seu país não a impedia de entrar na luta por conta própria. Mesmo se a diplomacia fechasse as portas, devia haver outra maneira de provar seu valor na luta que ela considerava a batalha da verdade contra a tirania. Ela precisava encontrar seu valor.



Planeta